

Nakba das Mídias: o Colonialismo Israelense da Imagem da Palestina¹

Giovanna de Morais SOUTO²

Mariana Karis Alves de CARVALHO³

Emanuele de Freitas BAZILIO⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

O presente trabalho busca entender como o Estado de Israel produz imagens de controle da Palestina, associando-a a uma personalidade terrorista e violenta, que, em momentos de guerra, justificam e incentivam a exclusão da Palestina do contexto político-geográfico. Utilizando análises e discussões embasadas em conflitos, colonização e descolonização das imagens (Guilherme, 2022) nota-se que Israel constrói um repertório imagético que reduz a Palestina a um grupo terrorista. Analisam-se quatro imagens produzidas e divulgadas por Israelenses e pelo Governo, as quais reforçam o ideal de imagens de controle e o caráter colonizador dessas imagens.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia; Colonização das imagens; Imagens de controle; Israel; Palestina.

Introdução

O conflito entre Israel e Palestina é histórico e persistente, tendo atingido um ponto crítico após a Segunda Guerra Mundial, marcando o início de transformações políticas em Israel e influenciando as relações internacionais. A consolidação do movimento sionista no cenário mundial desencadeou alianças estratégicas, incluindo uma duradoura relação com os Estados Unidos (Leite, 2022). Com o Plano de Partilha⁵ – realizado pela ONU, o qual dividiu o território deixando 53,5% para Israel e 45,4% para a Palestina – colocado em prática, a Palestina e os países aliados se revoltaram e

¹Trabalho apresentado no GT de Estudos de/em Comunicação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 08 a 10 de maio de 2024.

²Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Audiovisual da UFRN, email: giovanna.de.morais.souto@gmail.com

³Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Audiovisual da UFRN, email: marianakariscrvlh@gmail.com

⁴Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Audiovisual da UFRN, email: emanuele.bazilio@ufrn.br

⁵Mais informações no site da Revista Galileu, do grupo Globo. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/colunistas/quer-que-eu-desenhe/coluna/2023/11/plano-de-partilha-da-palestina-relem-bre-a-historia-em-cinco-imagens.ghtml> . Acesso em 08 mar. 2024.

entraram em guerra por sua independência, o que resultou em um grande êxodo dos árabes-palestinos, que se tornaram apátridas e buscaram refúgio na Cisjordânia, em Gaza, no Líbano e em outros países da região. Esse período, em que os palestinos foram expulsos de suas terras pelo exército israelense, é conhecido pelos países árabes como "Nakba", que significa catástrofe em árabe (Leite, 2022).

Atualmente, no século XXI, as questões palestinas permaneceram estagnadas. A ascensão de Ariel Sharon trouxe políticas radicais, incluindo a construção do Muro da Cisjordânia, comparado por Angela Davis (2015) ao Muro de Berlim por sua segregação e descrito como *apartheid israelense* devido à divisão e exclusão que representa. Este, porém, é um termo que foi se modificando desde seu surgimento e abrangeu diversas definições (Borges, 2022). O temor do terrorismo desempenhou um papel crucial no impulso e na justificativa para a construção do muro (Leite, 2022). Com isso, principalmente após o atentado de 11 de Setembro, houve uma popularização da caracterização de indivíduos do Oriente Médio como terroristas.

Desta forma, este estudo propõe analisar como Israel utiliza imagens de controle para construir uma narrativa distorcida da Palestina, influenciando discursos por meio do colonialismo das imagens. Assim como, propõe uma exploração ampla da dinâmica entre imagem, mídia e opinião pública para compreender as nuances na construção e disseminação das narrativas visuais no conflito entre Israel e Palestina, contribuindo para a compreensão do que chamamos de "Nabka da mídia"

Colonização israelense da imagem palestina

Para esse trabalho, dois conceitos sobre o termo 'Imagem' são destacados: o figurado, que carrega um conceito simbólico; e o psicológico, que se refere à representação mental de conceitos abstratos. Por um lado, a abordagem simbólica não se limita à representação visual, mas engloba um amplo espectro de significados culturais. Por outro, a compreensão da imagem também inclui as construções mentais que moldam nossa percepção e interação com o mundo. Nesse contexto, torna-se evidente que as imagens mentais que construímos sobre determinados grupos são muitas vezes manipuladas e (re)produzidas pelas grandes mídias. Essas representações moldam e direcionam a opinião pública de acordo com os interesses e objetivos específicos que essas entidades de comunicação buscam alcançar (Guilherme, 2022)

No conflito entre Israel e Palestina, Israel retrata a Palestina como um território associado ao terrorismo, enquanto se apresenta como vítima da ira palestinese. Essa narrativa justifica, para eles, ações como usurpação territorial e extermínio. A manipulação de percepções através de estratégias de imagem destaca o poder da mídia na formação de opiniões públicas, permitindo a Israel moldar a percepção global do conflito. Assim, a guerra midiática precede e influencia a guerra física.

Imagens de controle: imagens com poder

A manipulação de imagens, denominada por Andrielle Guilherme (2022) como ‘imagens de controle’, é uma ferramenta usada pelos grupos dominantes para perpetuar relações de poder desiguais. Por meio das mídias e do audiovisual, eles impõem narrativas distorcidas que retratam o grupo subjugado como inferior e desumanizado para legitimar o poder do grupo dominante e perpetuar estereótipos prejudiciais. A análise dos estereótipos revela uma complexa exploração das dinâmicas que vão além da mera representação da realidade. Esses não apenas distorcem a realidade, mas também cristalizam representações inflexíveis que impedem uma compreensão genuína e contextualizada do sujeito nas relações sociais. Essa fixação nas representações estereotipadas perpetua um ciclo prejudicial de generalizações.

Guilherme (2022, p. 88) analisa em sua tese cinco imagens de controle que “aprisionam simbólica e materialmente as identidades indígenas”. Desse modo, nesse trabalho, também vamos analisar quatro imagens que são utilizadas pelo governo, mídias e população de Israel como uma forma de fomentar e justificar as violências contra a Palestina:

a) Os palestinos são incivilizados (figura 1):

Figura 1 - Tiktokers israelenses usam de estereótipos árabes-mulçumanos para zombar de palestinos.



Fonte: Print extraído de vídeo feito no TikTok repostado no Twitter⁶

Conforme abordado previamente e ilustrado pela imagem apresentada, a utilização de estereótipos não só desumaniza os indivíduos, mas também os reduz a caricaturas simplificadas, desempenhando um papel crucial na legitimação de atos violentos. A disseminação desses estereótipos distorce a complexidade de cada ser humano, facilitando a aceitação de ações prejudiciais. Hannah Arendt, em "A Banalidade do Mal" (1963), explora como a desumanização foi uma ferramenta-chave nos horrores do nazismo, destacando o treinamento para desassociar a humanidade dos grupos alvo, uma dinâmica que ecoa no conflito entre Israel e Palestina.

b) Os palestinos são terroristas (figura 2):

Figura 2: À esquerda, uma menina israelense e escrito “seu único crime: ser judia”. À direita, uma mulher palestina com o rosto queimado e escrito “seu crime: ser uma mulher-bomba”.



Fonte: Imagem retirada do twitter oficial do Estado de Israel.⁷

Como discutido anteriormente, existe uma narrativa comumente utilizada para descrever árabes como um todo, caracterizando-os como terroristas e homens/mulheres bombas. No entanto, com a intensificação do conflito entre Israel e Palestina, o estereótipo terrorista passou a ser amplamente utilizado para representar os palestinos, especialmente pela mídia israelense. O ponto de vista crítico enfatiza a associação entre palestinos e terrorismo, destacando que Israel frequentemente utiliza essa conexão para legitimar suas ações políticas e justificar a expansão territorial.

c) Os palestinos odeiam mulheres (Figura 3):

Figura 3 - “Eles estupraram mulheres israelenses. Eles mataram mulheres israelenses. Eles sequestraram mulheres israelenses.”

⁶ Figura 1: Disponível em <<https://x.com/ireallyhateyou/status/1729954764442538334?s=20>>. Acesso em 02 de Dez de 2023

⁷ Figura 2: Disponível em <<https://x.com/Israel/status/1729044945347264611?s=20>>. Acesso em 02 de Dez de 2023.



Fonte: Imagem retirada do twitter oficial do Estado de Israel.⁸

A estratégia de comunicação deliberada, que destaca grupos vulneráveis como protagonistas das imagens publicadas, visa mobilizar sentimentos de empatia e preocupação, influenciando a percepção pública e moldando a opinião global. Isso é especialmente evidente ao retratar mulheres, crianças e idosos afetados por conflitos ou situações desafiadoras. Além disso, a construção de uma narrativa que retrata o muçulmano como figura machista e opressora, deriva de estereótipos arraigados.

d) Os palestinos mentem (Figura 4):

Figura 4 - “Lute pela verdade”.



Fonte: Print retirado de um vídeo publicado pela conta oficial de Israel.⁹

A estratégia comunicativa adotada pelas mídias israelenses simplifica a dicotomia entre Israel e Palestina, retratando Israel como a voz da verdade e justiça, enquanto pinta a Palestina como fonte de desinformação e antagonismo. Esse método busca vilanizar a Palestina e apresentar Israel e seu exército como heróis. Essa abordagem visa estabelecer uma hegemonia narrativa que influencia percepções globais, consolidando apoio público e justificando políticas específicas. Analisar criticamente

⁸ Figura 3: Disponível em <<https://x.com/Israel/status/1732805366746956177?s=20>>. Acesso em 02 de Dez de 2023.

⁹ Figura 4: Disponível em <<https://x.com/Israel/status/1730556427339460910?s=20>>. Acesso em 02 de Dez de 2023.

essa estratégia revela como as dinâmicas de poder e controle se manifestam na mídia, moldando a opinião pública sobre o conflito israelo-palestino.

Considerações

Este trabalho revela uma perspectiva de produção imagética, em que Israel, através das redes sociais e de sua população difundem imagens colonizadoras da Palestina, essenciais para sustentar o longo conflito que se mantém. Os estereótipos, como o ‘árabe terrorista’, desumanizam os palestinos, justificando assim a violência contra eles. Essas imagens distorcidas não são meras representações, mas instrumentos estratégicos para legitimar ações e moldar percepções globais. A disseminação dessas imagens não apenas perpetua preconceitos, mas também facilita políticas questionáveis de extermínio e violência. Desconstruir essas imagens é fundamental para uma compreensão mais profunda do conflito e o desenvolvimento de perspectivas justas.

Referências

- ARENDDT, Hannah. **A Banalidade do Mal**, 1963.
- BORGES, Julia Marin. **Orientalismo e a Securitização da identidade “terrorista” pós-ataques do 11 de Setembro: o poder do discurso na definição de um inimigo global**. In: Repositório PUC SP. 2022. Disponível em: https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/32329/1/Julia%20Marin%20Borges_Julia%20Marin%20Borges.pdf. Acesso em 01 de Dez de 2023.
- DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**, 2015.
- GUILHERME, Andrielle C. M. M. **COMUNICADORAS INDÍGENAS E A DE(S)COLONIZAÇÃO DAS IMAGENS**. 2022. Tese (Doutorado em Estudos da Mídia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- LEITE, Marcela. **ISRAEL E PALESTINA: AS DIVERGÊNCIAS DO MURO E AS VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito, Negócios e Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/4103>. Acesso em 08 de Dez. 2023.
- ORTUNES, Leandro. **A construção da imagem do “outro”**: Ocidente e Oriente Médio e suas representações na mídia impressa e na produção audiovisual. *Revistas UFPR*. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/viewFile/40586/26990>. Acesso em 02 de Dez de 2023.